

Práticas de internacionalização (em casa) na educação básica: o projeto “Feira das Nações”

Diandra dos Santos de Andrade^{*}

Diemerson da Silva Lemos^{**}

María Julieta Abba^{***}

Introdução

A internacionalização na educação básica, embora seja um imperativo dos órgãos governamentais, ainda está sendo construída e “[...] representa o desafio de potencializar um processo educativo comprometido com o desenvolvimento e formação de estudantes para o exercício de uma cidadania crítica e global” (Hatsek; Woicolesco; Rosso, 2023, p. 2). Nos últimos anos, tem adquirido relevância em nível internacional e tem ganhado destaque em projetos e práticas universitárias. Além disso, vem sendo pauta de discussão na educação básica, mais precisamente na rede particular, que vem investindo no ensino bilíngue, em intercâmbios, entre outras atividades.

Em 2022, o Governo Federal, em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC), lançou os “Parâmetros Nacionais para a

^{*} Bolsista integral (CNPq) de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos, na linha de pesquisa “História, Políticas e Gestão da Educação”. Mestra em Educação pelo mesmo Programa. Integra o Centro de Estudos Internacionais em Educação (CEIE) da Unisinos. É graduada em Letras-Português. Idealizadora do projeto Feira das Nações. Atualmente, estuda e pesquisa processos de internacionalização na educação básica. E-mail: diandra.letas@gmail.com

^{**} Bolsista de Mestrado (CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. Estudante de Análise e Desenvolvimento de Sistemas na Uninter. Graduado em História pela Unisinos. Atua como Auxiliar de Disciplina na EMEF Prof Aurialícia Chaxim Bes, em Sapucaia do Sul, desde 2018. Idealizador do projeto Feira das Nações. É criador e responsável do Setor de Atendimento Disciplinar (SAD), auxiliando no alinhamento na comunicação entre a direção da escola, o SOE e o SOP. E-mail: diemerson_lemos@hotmail.com

^{***} Internacionalista e Doutora em Educação. Atua como professora na graduação nos cursos de Pedagogia e Relações Internacionais e no Programa de Pós-graduação em Educação da Unisinos. Tem interesse nas temáticas de internacionalização da educação, interculturalidade, integração regional latino-americana, cidadania global e políticas públicas. Atualmente é responsável pelo Centro de Estudos Internacionais em Educação (CEIE) da Unisinos e é vice-coordenadora da Cátedra UNESCO Educação em Cidadania Global e Justiça Socioambiental. E-mail: julietaa@unisinos.br

Internacionalização na Educação Básica no Brasil”¹. Esse trabalho é resultado de diversas reuniões, nas quais gestores/as e educadores/as perceberam que era extremamente necessário pensar a internacionalização desde a educação básica, isto é, desde a formação inicial dos/das estudantes. Segundo o documento existem

[...] muitas formas de manifestação da Internacionalização na Educação, desde as tradicionalmente conhecidas como a mobilidade ou o intercâmbio e as exploradas mais recentemente que incluem a Internacionalização do Currículo, de forma integral e para todos, presencial ou mediada por tecnologias digitais de informação e comunicação (Brasil, 2022).

Ainda de acordo com os Parâmetros, a Internacionalização pode ser “[...] transfronteiriça, quando cruza fronteiras, ou em casa, quando ocorre no espaço escolar, e deve ser concebida para todos, para todas as crianças e adolescentes, jovens e adultos que participam dos processos educativos” (Brasil, 2022, p. 10).

Contudo, sabemos que a internacionalização na educação básica ainda é um desafio, ainda mais na rede pública brasileira, uma vez que além da falta de recursos - escancarada nos últimos anos - há, também, lacunas na formação docente, bem como na formação continuada de gestores/as. Ademais, é necessário ampliar as práticas pedagógicas que promovam o protagonismo dos/as estudantes em uma perspectiva intercultural e global, compreendendo a importância da construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática, na qual há diferenças individuais, coletivas, culturais, religiosas, étnicas, entre outras.

Com base nisso, neste artigo, buscamos apresentar os resultados das duas edições da Feira das Nações, um projeto interdisciplinar desenvolvido em uma escola municipal da rede pública de Sapucaia do Sul/RS, nos anos de 2022 e 2023. O Projeto, aplicado com todas as turmas do ensino fundamental, desde o Pré I ao 9º ano, incentiva alunos e alunas a conhecerem as culturas, as línguas, os costumes e os hábitos de diferentes países, promovendo, dessa forma, a internacionalização em casa. Para além da sala de aula, é possível, a partir das atividades propostas, propiciar à comunidade escolar a oportunidade de conhecer novas culturas, novas realidades e novas formas de aprender.

¹ Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/367336554_Parametros_para_a_Internacionalizacao_na_Educacao_Basica_no_Brasil/link/63cdae0dd9fb5967c2f8ee4f/download.

No próximo tópico, apresentaremos uma reflexão sobre internacionalização em casa e as etapas de construção de desenvolvimento do Projeto Feira das Nações.

Possibilidades de internacionalização em casa na Educação Básica

A expressão ‘internacionalização em casa’ - *internationalization at home* - foi apresentada pela primeira vez em 1999, no Fórum da Primavera do European Association for International Education, pelo sueco Bengt Nilsson. O pesquisador referia-se a um trabalho desenvolvido durante sua mudança da Universidade de Lund para a Universidade de Ciências Aplicadas de Malmö. Nilsson encontrou um contexto com falta de parcerias internacionais e com pouquíssimas atividades de mobilidade acadêmica e, diante disso, teve que buscar outras alternativas para o desenvolvimento de experiências de internacionalização no campi (Nilsson, 2003).

Segundo Morosini e Nez (2023, p. 405), a pandemia implantou, em algumas instituições, modelos de internacionalização alternativos, em outras palavras

[...] IoC e IaH tornam-se efetivas levando em consideração o fechamento das fronteiras e a i(mobilidade) acadêmica. A IoC direcionou seu foco para a virtualidade, e passou a ocorrer “em casa”, através da mobilidade remota. A perspectiva da IaH se fortaleceu com outras metodologias que buscaram trazer o global para o local, um dos exemplos é a aprendizagem colaborativa internacional online.

Antes da pandemia, diversos autores/as, tais como Jane Knight e Beelene Jones já estudavam o conceito de internacionalização em casa, compreendendo que o processo de internacionalização não pode ser reduzido, apenas, à mobilidade acadêmica, uma vez que alguns alunos/as não têm acesso à essa experiência. Hoje, já é possível considerar as práticas realizadas em ambiente doméstico como possibilidade de intercâmbio cultural. A tecnologia, inclusive, apresenta-se como potencializadora desse processo, uma vez que possibilita outras formas de conhecer, dialogar e interagir com a cultura, os costumes, as línguas, etc. de diversos países do mundo.

Da mesma forma, a interculturalidade, entendida desde uma perspectiva crítica (Tubino, 2004; Walsh, 2010), também contribui para o desenvolvimento de uma internacionalização inclusiva (Abba; Leal; Finardi, 2022) que chega até outros níveis educativos, como a educação básica, e que não é exclusiva a um determinado sujeito educativo de classe social alta. Assim, na IEC, a interculturalidade propicia processos

de trocas culturais horizontais, respeitosas e de coexistência entre sujeitos de diferentes realidades.

Segundo Hatsek, Woicolesco e Rosso (2023, p. 72) no contexto da Educação Básica “[...] a internacionalização pode ser compreendida como trajetórias de ensino e de aprendizagem que colaboram para o desenvolvimento pleno do educando e seu preparo para o exercício da cidadania global. Nesse sentido, um dos objetivos dos Parâmetros Nacionais para a Internacionalização na Educação Básica no Brasil é fomentar o desenvolvimento de “[...] atividades internacionais e interculturais realizadas no espaço escolar, ações envolvendo línguas estrangeiras, palestras com convidados locais e internacionais, colaboração online, acolhimento de estudantes internacionais, estudos de casos em diferentes contextos, entre outras” (Brasil, 2022, p. 46). E foi nessa perspectiva que a Feira das Nações foi construída, a qual apresentaremos no próximo tópico.

O projeto Feira das Nações

O Projeto Feira das Nações foi apresentado ao grupo de professoras na primeira semana de outubro de 2022, em uma reunião pedagógica. A Comissão Organizadora - composta pela diretora, vice-diretora, supervisora, auxiliar de disciplina e assistente de alfabetização - fez a leitura do projeto, explicando cada uma das tarefas e discutindo alguns pontos importantes com as demais professoras, tais como: divisão de países, vestimentas, disposição das barracas, pratos típicos, participação da comunidade escolar, entre outros.

Inicialmente, a Feira das Nações seria uma festa de anúncio da Mega Copa Aurialícia, um evento com algumas atividades relacionadas à Copa do Mundo de 2022. Antes disso, um evento semelhante havia sido realizado no início do ano, um Campeonato de Pebolim. Contudo, com a proximidade da Copa Mundial FIFA, e diante da receptividade e da participação dos alunos/as nesse campeonato, decidiu-se fazer uma segunda edição, chamada então de Mega Copa.

Como a escola estava passando por reformas e a sua quadra de esportes estava sendo reconstruída a fim de que todos os alunos/as pudessem participar do evento, foram feitos três torneios no saguão da escola: Dedobol, Futebol de Botão e Pebolim. Cada um deles foi desenvolvido de acordo com a faixa-etária dos alunos/as e com um esquema de pontuação no qual os estudantes participassem de equipes interséries, isto é, com alunos/as de diferentes turmas.

Todavia, depois de algumas reuniões e conversas com as professoras, a Comissão Organizadora percebeu que seria interessante um projeto que possibilitasse, aos estudantes e à comunidade escolar, o desenvolvimento de atividades com um olhar intercultural, isto é, com um conjunto de atividades que contribuíssem para o conhecimento, construção e o respeito a diversas culturas, visando como referência não somente à competição da FIFA e ao futebol, mas um trabalho interdisciplinar com os diversos países dos cinco continentes habitados e com a diversidade cultural ao redor do planeta.

Dessa forma, o projeto “Feira das Nações” foi apresentado ao grupo docente e à comunidade escolar com os seguintes objetivos:

- Desenvolver diversas competências, tais como: criatividade, pesquisa, oralidade, cooperação, valorização do outro e coletividade;
- Incentivar os alunos/as a conhecerem culturas, línguas, costumes e hábitos de diferentes países;
- Propiciar à comunidade escolar a oportunidade de conhecer novas realidades;
- Possibilitar a internacionalização (em casa) na escola a partir do contato com outras culturas.

Além, disso foi feito uma recepção temática para os professores/as, onde eles puderam apresentar suas opiniões e suas sugestões de como deveria ser feito por dois motivos, primeiro: de forma que não atrapalhasse o andamento das aulas e o cronograma de cada turma; segundo: para que os/as professores/as pudessem falar qual era a melhor forma de trabalhar a internacionalização dentro de suas aulas. Foi durante a recepção que a Comissão Organizadora realizou o sorteio dos países e explicou todas as etapas de desenvolvimento do Projeto. Esse movimento aconteceu nas duas edições, tanto em 2022 como em 2023.



Figura 1 - Café de recepção da Feira Latina

Fonte: Registrado pelos(as) autores(as).

Com o primeiro passo dado, foi o momento de começar a organizar uma comissão de alunos/as que ajudariam, não só nas suas turmas, mas com o restante da escola, enfeitando, dando ideias, organizando tarefas e produzindo material (tanto físico como digital) para informação e divulgação do evento. Dessa forma, foram convidados alguns alunos do 6º, 7º, 8º ano e 9º, cada um desempenhando uma função de acordo com suas habilidades. Tinham alunos/as que cuidavam das mídias sociais, outros da produção de cartazes e enfeites, alguns ajudavam na montagem das apresentações de cada turma, uns ficavam responsáveis pela coordenação e organização das tarefas, etc. Apesar de estarem organizados por funções, eles transitavam entre elas, apoiando e ajudando uns aos outros, por exemplo, um aluno que ficou responsável de produzir um cartaz por suas habilidades manuais, também ajudou na gravação de um vídeo para divulgação no *Instagram*, e também ajudava na limpeza dos ambientes. A proposta é que eles/as trabalhassem no coletivo e desenvolvessem o espírito de colaboração.



Figura 2 - Crachás e combinados do grupo

Fonte: Registrado pelos(as) autores(as).

É importante destacar que essa dinâmica gerou um sentimento de pertencimento e orgulho dos/as alunos/as, tanto que eles se sentiram tão à vontade com a Feira que começaram a dar sugestões e demonstraram autonomia naquilo que desempenhavam. Eles/as conversavam e debatiam com outros/as alunos/as e professores/as sobre o que poderia ser feito e davam sugestões para o evento. Outro fato importante é que a Comissão de alunos/as era algo muito espontâneo, eles/as não tinham uma obrigatoriedade de participação e horários fixos, mas mesmo assim se organizavam para que sempre tivesse algum deles disponível no contraturno para desempenhar as tarefas.

Organizada essa parte, foi iniciado um processo de internacionalização na escola. Com uma comissão de alunos/as definida e já engajada, com os países sorteados e com um cronograma estabelecido, as professoras começaram, então, a desenvolver o Projeto, realizando pesquisas, incluindo curiosidades sobre os países sorteados em seus planejamentos, ensaiando uma apresentação artística e já definindo a vestimenta que usariam e o prato típico que serviram durante a Feira das Nações. Essas atividades tiveram a duração de dois meses, e todo o desenvolvimento foi monitorado pela Comissão de alunos/as, que passava nas salas para ajudar os docentes, perguntar se precisavam de algum material, etc. Essa dinâmica também aconteceu nas duas edições do evento, e em 2023, diante da demanda de atividades, a Comissão de alunos/as foi ampliada e contou com a participação de estudantes do 5º ao 9º.

A primeira edição da Feira das Nações aconteceu no dia 5 de outubro de 2022. Na ocasião, as turmas apresentaram a cultura, os costumes, os esportes locais, as danças, as línguas, a culinária e algumas curiosidades sobre os seguintes países: Japão, Alemanha, Estados Unidos, Argentina, Madagascar, Índia, Itália, Austrália, Nova Zelândia, México, Moçambique e Brasil. O evento contou com a presença de mais de 80 pessoas, incluindo alunos/as e professores/as de outras escolas, pais, mães (e demais familiares), amigos/as e gestores municipais.

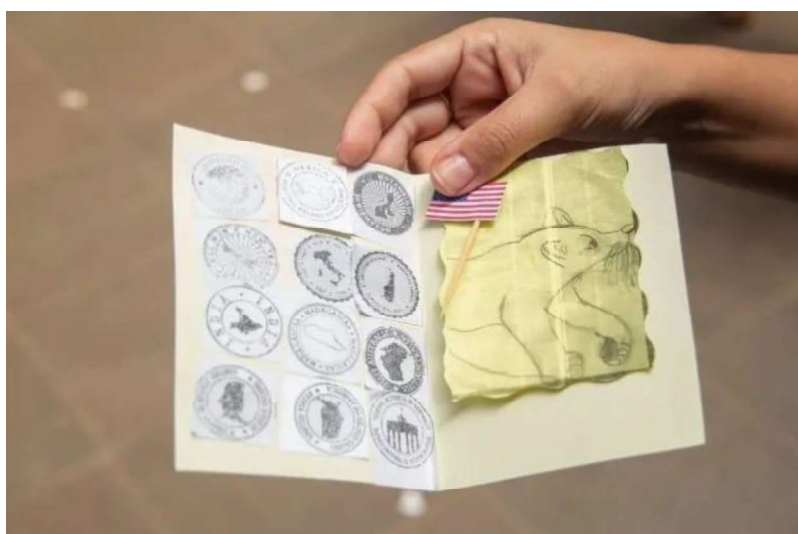


Figura 3 - Passaporte da Feira das Nações

Fonte: Registrado pelos(as) autores(as).

Na segunda edição, a Comissão Organizadora optou por trabalhar com países da América Latina. Isso aconteceu, pois os organizadores/as perceberam uma certa resistência por parte de alguns docentes e de alguns alunos/as em relação à cultura do México e da Argentina. Na divulgação do sorteio, inclusive, alguns estudantes vaiaram esses países, dizendo que desejavam conhecer países que “falam inglês” e “que são mais de longe”. Diante disso, a segunda edição da Feira, chamada Feira Latina, foi construída com o objetivo propiciar aos estudantes a oportunidade de conhecerem e de se reconhecerem dentro da cultura de países da América Latina, dessa forma, promovendo reflexões e debates a respeito da construção de uma identidade latino-americana.

A Feira Latina aconteceu no dia 21 de outubro de 2023 e contou com a participação de familiares, amigos/as e alunos/as de outras escolas da cidade. Os países apresentados foram: Bolívia, Guatemala, Peru, Equador, Uruguai, Honduras, República Dominicana, Paraguai, Chile, Nicarágua, Colômbia e Cuba. Inicialmente, um grupo de alunos/as, de diferentes turmas, fez a apresentação de abertura com uma música em

espanhol e, na sequência, já nas barracas, as turmas apresentaram suas pesquisas e ofereceram pratos típicos à comunidade escolar. Todo o evento foi organizado pela Comissão de professoras e pela Comissão de alunos/as, que organizou a disposição das barracas, auxiliou na decoração, na recepção, na apresentação artística, entre outros.



Figura 4 - Cartão de embarque para a Feira Latina

Fonte: Registrado pelos(as) autores(as).

Mas afinal: as duas edições da Feira auxiliaram no processo de internacionalização em casa? No próximo tópico abordaremos essa discussão.

A feira como uma possibilidade de internacionalização em casa (IEC)

Como já mencionado anteriormente, o processo de internacionalização não pode ser reduzido à mobilidade de estudantes e ao ensino bilíngue, uma vez que sabemos que essas atividades contemplam apenas uma parte da sociedade. E, nesse caso, a internacionalização torna-se elitista e excludente. A partir disso, é necessário criar oportunidades para que todos “[...] possam participar de forma ativa na promoção do diálogo e na interação entre diferentes culturas” (Brasil, 2022, p. 14).

Todas as atividades foram elaboradas e desenvolvidas com o intuito de promover o protagonismo e a participação de todos/as no processo de internacionalização (em casa) na educação básica. A receptividade das professoras, dos/das funcionários, dos/das estudantes e da comunidade é um indício de que o Projeto inicia esse processo na escola. Após as edições das Feiras, foram feitos questionários (via *Google Forms*) a fim de que os/as participantes pudessem fazer comentários sobre suas experiências, bem como dar sugestões para as próximas edições. Assim, as pessoas deveriam marcar

se eram: pai, mãe, familiar, amigo ou visitante externo; escolher um país favorito; destacar a melhor parte da Feira (comida, apresentações artísticas, pesquisas, etc; falar um pouco sobre as experiências durante as visitas aos países. O questionário também serviu como base para uma breve análise sobre como os/as alunos/as e a comunidade compreenderam o processo de internacionalização, desse modo, como eles/as percebem-se como cidadãos/ãs do mundo e como eles/as estão inseridos nas dimensões sociais, culturais, linguísticas, geográficas, etc.

Uma das professoras da escola disse que a partir do Projeto os/as alunos/as puderam observar que [...] *muitos países apresentam características semelhantes ao nosso, na culinária, na dança* (Relato da professora da Sala de Recursos). Outra professora afirmou que as aprendizagens foram intensas e que cada aluno/a pôde apresentar seus talentos durante as apresentações artísticas. Outro destaque foi que “[...] *os alunos envolvidos se divertiram mesmo com suas responsabilidades e dedicação tão fundamentais*” (Relato de uma professora do ensino fundamental). Ainda, uma professora da educação infantil disse que gostou muito de [...] *pesquisar e compartilhar conhecimentos com as crianças, também fiquei feliz com o envolvimento dos pais dos meus alunos com esse projeto.* (Relato da professora).

Já para os familiares, o trabalho dos alunos/as foi excelente, uma vez que [...] *“eles fizeram o máximo para demonstrar o que cada país tinha de diferente, nos sentíamos no país mesmo em cada estande* (Relato de um familiar). Ainda, era possível perceber “[...] *o capricho de cada país escolhido, estava tudo muito lindo e organizado*” (Relato de um familiar).

Sendo assim, compreendendo o conceito de IEC e orientados pelos Parâmetros Nacionais para a internacionalização da Educação Básica, é possível concluir que o projeto Feira das Nações propicia à comunidade escolar a oportunidade de conhecer novas culturas, bem como preparou os estudantes adequadamente para “[...] responder aos desafios do mundo global e interconectado, enfatizando a formação para o desenvolvimento humano e internacional” (Brasil, 2022, p. 12). Além disso, incentivou o desenvolvimento de diversas competências, entre elas: pesquisa, interação, curiosidade, cooperação, respeito e valorização do outro/a, que muitas vezes é diferente, mas às vezes tem semelhanças. A partir das apresentações dos/das alunos/as, percebe-se que eles/as compreenderam que existem outras culturas e que elas não são inferiores ou superiores, pelo contrário, todas são importantes para a construção das sociedades.

Desafios futuros

Ao longo dos anos, a educação básica vem enfrentando diversos desafios relacionados à alfabetização e ao letramento. Contudo, diante desses desafios “[...] a Internacionalização não pode ser tomada como exigência ou imposição, mas sim como processo natural e inerente em uma dinâmica de interculturalidade que se faz presente no território educativo” (Brasil, 2022, p. 24) e que pode contribuir para o desenvolvimento de diversas competências educativas.

Reconhecemos que uma das barreiras no processo de internacionalização é a geográfica e que se reduzirmos a internacionalização à mobilidade muitos estudantes serão excluídos desse processo. Contudo, com as tecnologias digitais, já é possível superar barreiras como fronteira, assim como a barreira da comunicação com o uso de aplicativos tradutores. Nesse sentido, a internacionalização em casa apresenta-se com o propósito de superarmos as barreiras geográficas e aproximarmos culturas e sociedades muitas vezes distantes e desconhecidas.

Outra barreira é a resistência cultural, pois, de fato, algumas culturas e sociedades encontram e demonstram resistência em serem aceitas, principalmente no ocidente, por conta de informações falsas e preconceitos alimentados por grupos radicalizados, que resistem em aceitar o diferente e que há diversas maneiras das pessoas se expressarem no âmbito cultural, social, político, familiar, entre outros. Inclusive, durante o sorteio dos países, percebemos resistência não só por parte dos alunos, mas também por parte de algumas professoras, como já mencionado ao longo do texto, assim como questionamentos vindo de familiares e responsáveis sobre o que seria abordado durante a apresentação desses países.

Nós como educadores/as progressistas temos o propósito de preparar alunos/as para a sociedade, sociedade que já está superando algumas barreiras através das tecnologias digitais e de projetos como a Feira das Nações, que possibilita pensarmos a internacionalização “[...] de forma inclusiva e capaz de promover o enfrentamento dos desafios da Educação Básica brasileira” (Brasil, 2022, p. 6).

Por fim, é necessário superarmos o desafio presente na formação de professores/as, uma vez que é indispensável

[...] considerar a função docente como potencializadora da transformação da escola em um centro irradiador de desenvolvimento pelo qual possam ser geradas possibilidades para o educando de inserção autônoma no mundo do trabalho. Este desafio tem como base o contato com diferentes culturas e

possibilidades de empreender o conhecimento, considerando o enriquecimento sociocultural e o respeito à identidade dos sujeitos, bem como a perspectiva de continuidade dos estudos (Brasil, 2022, p. 77).

Sendo assim, observando toda a complexidade da existência humana e as dificuldades encontradas no dia a dia da escola, ainda há um longo caminho a ser percorrido, mas já existem alternativas e possibilidades que devem ser estudadas e desenvolvidas nas escolas brasileiras para que, de fato, todos/as possam participar do processo de internacionalização na educação básica.

Referências

- ABBA, M. J.; BELLINI, S.; OSTRZYZECK, R. Democratização da internacionalização da educação superior: contribuições da CRES 2018. **Revista Integración y Conocimiento**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 211-230, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9047197>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- ABBA, M. J.; LEAL, F. G.; FINARDI, K. R. Internacionalização da educação superior inclusiva de/para América Latina: a hora dos que estão “abaixo”. **Reflexão e Ação**, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 122-137, 2022. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/issue/view/728>. Acesso em: 28 dez. 2023.
- BRASIL. **Parâmetros Nacionais para a Internacionalização na Educação Básica no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/367336554_Parametros_para_a_Internacionalizacao_na_Educacao_Basica_no_Brasil/link/63cdae0dd9fb5967c2f8ee4f/download. Acesso em: 21 dez. 2023.
- HATSEK, D. J. R.; WOICOLESKO, V. G.; ROSSO, G. P. Internacionalização na educação básica: um estado do conhecimento. **Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 14, n. 1, p. 70-90, jan./maio 2023. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/10998>. Acesso em: 23 dez. 2023.
- KNIGH, J. Un modelo de internacionalización: respuestas a nuevas realidades y retos. In: DE WIT, H. et al. (eds.). **Educación Superior en América Latina**. La dimensión internacional. Bogotá: Mayol Ediciones, 2022.
- MOROSONI, M.; NEZ, E. de. Internacionalização em casa na região centro-oeste brasileira: a atuação dos grupos e redes de pesquisa. **Revista Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 403-420, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/66078/35146>. Acesso em: 21 dez. 2023.
- NILSSON, B. Internationalization at home from a Swedish perspective. **Journal of Studies in International Education**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 27-40, 2003. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1028315302250178>. Acesso em: 24 dez. 2023.

THIESEN, J. da S. **Currículo e internacionalização na educação básica**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

THIESEN, J. da S. Internacionalização dos currículos na educação básica: concepções e contextos.

Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 991-1017, 2017. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/766/76654187006.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2023.

TUBINO, F. Del interculturalismo funcional al interculturalismo crítico. In: SAMANIEGO, M.;

GARBARINI, C. (orgs.). **Rostros y fronteras de la identidad**. Temuco: Universidad Católica de Temuco, 2004. p. 151-164.

WALSH, C. Interculturalidad, colonialidad y educación intercultural. In: VIAÑA, J. et al. (eds.).

Construyendo Interculturalidad Crítica. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010.